

# AJUDA HUMANITÁRIA À BOLÍVIA

TIAGO **HOMRICH** DE OLIVEIRA\*  
Primeiro-Tenente (FN)

---

**A**pós dois dias de preparação administrativa na Bolívia, ao entardecer do dia 29 de janeiro de 2008, o Destacamento de Fuzileiros Navais recebeu sua primeira missão. Nossas embarcações seriam deslocadas por via terrestre, até a cidade de Okinawa, distante cerca de 70 quilômetros de Santa Cruz de La Sierra, onde seria estabelecida nossa base avançada para resgate e evacuação de famílias bolivianas vítimas de isolamento provocado pela cheia de rios da região.

Imediatamente começamos os preparativos, efetuando os ajustes necessários para acondicionar as cinco Embarcações

de Transporte de Tropas (ETT) em dois caminhões Hell cedidos pelo Exército boliviano. Foi necessário empregar a capacidade de improviso dos fuzileiros navais para fazer esta adaptação, de forma que as embarcações e todo o material estivessem bem peados e fossem transportados com segurança pelas estradas bolivianas, que não se encontravam nas melhores condições devido às enchentes. As embarcações tiveram de ser transportadas, devido à falta de espaço, uma sobre a outra e com cerca de dois metros de popa para fora da cabamba do caminhão.

---

\* N.R.: Comandante do Destacamento da Marinha do Brasil na primeira atuação dos Fuzileiros Navais brasileiros na Missão de Ajuda Humanitária à Bolívia (formada por militares das três Forças Armadas), ocorrida entre 26 de janeiro e 8 de fevereiro de 2008, na qual a Marinha do Brasil foi representada por dez militares do Batalhão de Operações Ribeirinhas (Manaus – AM). Essa ajuda foi solicitada pelo governo da Bolívia ao embaixador brasileiro naquele país, que a solicitou ao governo do Brasil.



**Partindo para a missão de resgate**

No dia seguinte, às 5 horas da manhã, uma equipe de dois fuzileiros navais (Segundo-Sargento Loreto e Soldado Ataíde) deslocou-se no comboio para Okinawa, acompanhando as embarcações. Esta equipe tinha como tarefa principal balizar um Local de Pouso de Helicóptero (LPH) em Okinawa, para a infiltração dos demais componentes do Destacamento de Fuzileiros Navais. Após receber o contato da equipe precursora, que passou as coordenadas do LPH, o Coronel (AV) Coelho, chefe do Centro de Operações Correntes (COC), determinou que o Destacamento fosse infiltrado por helicóptero H-1H da Força Aérea Brasileira.

Foi num misto de orgulho e ansiedade que decolamos da Base Aérea de Santa Cruz de La Sierra. Orgulho por estarmos representando o Brasil em nossa primeira missão real no exterior. Ansiedade porque sabíamos as dificuldades que o povo boliviano vinha passando, após as torrenciais chuvas que fizeram subir em muito os níveis dos rios Grande e Piraf, isolando pela

água muitas comunidades, e queríamos ter logo a oportunidade de ajudar aquelas pessoas. O helicóptero foi se afastando de Santa Cruz, onde a situação era normal, e pouco a pouco passamos a ver no solo as marcas deixadas pelas chuvas: regiões alagadas, estradas interrompidas e até pontes destruídas pelo chamado “turbilhão”, grande volume de água que desce das regiões mais elevadas sem aviso e que passa arrastando o que encontra com toda a força da natureza.

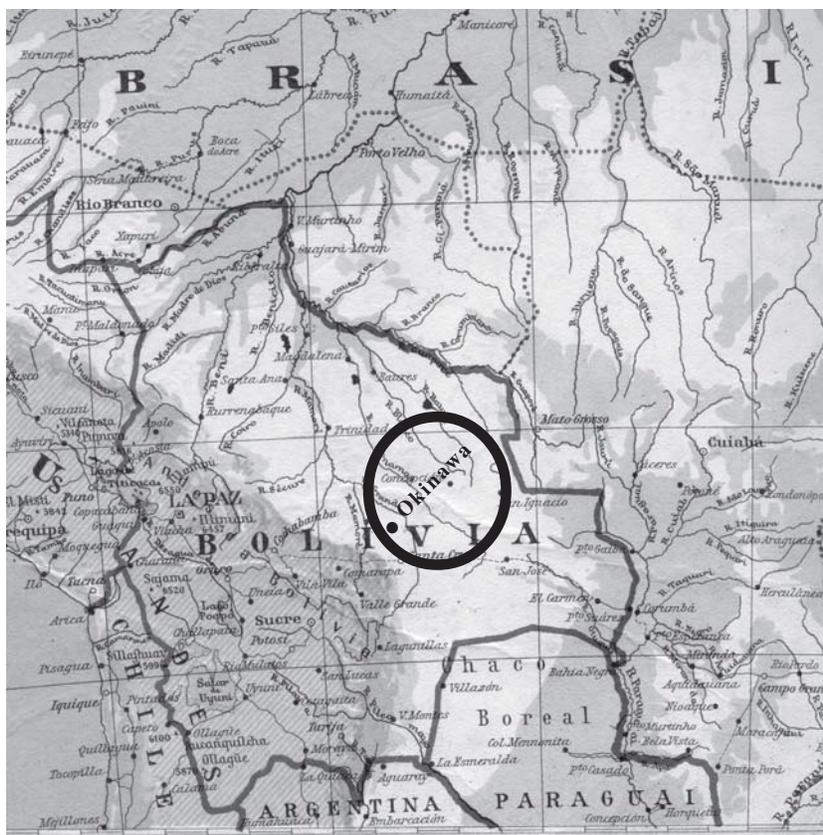
Chegando em Okinawa fomos recebidos por um major do Exército boliviano, que nos passou a situação e as tarefas que deveríamos executar, e neste contato foi de muita utilidade o Cabo Lauro, que foi nosso intérprete por ser fluente no idioma espanhol. Após, estudo sumário da situação, decidimos empregar as cinco ETTs para, deslocando-se sobre as áreas alagadas, chegar à comunidade de Mercedes, distante cerca de cinco quilômetros de Okinawa, onde havia seis famílias isoladas pela

águas. Segundo o reconhecimento boliviano, a profundidade das águas estaria em torno de dois metros, e isso foi o que realmente aconteceu... pelo menos no início. Logo após navegados cerca de cem metros, a profundidade diminuiu bruscamente, nos obrigando a adaptar a altura da rabeta do motor de popa para águas rasas. Havia um guia da região na ETT 1, que nos levou, após uma distância de 500 metros, para uma posição de profundidade inferior a um metro, inviabilizando o uso dos motores. Logo em seguida, mesmo o deslocamento a remos ficou difícil, pois ingressamos em uma área de profundidade inferior a uma pá de remo, na verdade, mais um emaranhado de vegetação alagado do que um curso d'água, de onde era possível visualizar uma região alagada a cerca de 50 metros, mas para onde não havia aparentemente uma passagem.

Mas não é tão fácil assim deter os fuzileiros navais. Como nem mesmo o guia da região sabia o que fazer, enviamos uma ETT para margeando a vegetação, realizar um reconhecimento de alguma passagem. Enquanto isto, a ETT 1 (Primeiro-Tenente Homrich e Soldado Macedo) avançou pela vegetação, seguida pela ETT 4 (Cabo Costa e Soldado Villanova), apoiando o remo no fundo, nas árvores, remando quando possível. Em alguns momentos, saltamos na água e arrastamos a embarcação com as

mãos. Estávamos certos de que avançaríamos, mesmo que para isso fosse necessário levar a embarcação no braço. Mas alguns minutos depois a ETT 3, do Primeiro-Sargento Abreu e do Soldado Dailson, me reportou que havia encontrado um furo que dava acesso à área de maior profundidade à frente, e eu determinei que ele guiasse as demais embarcações e me encontrasse nessa posição, já que eu o alcançaria em breve.

Essa alternância de cenários prosseguiu ainda por muito tempo: vegetação densa, vegetação esparsa; profundidade boa para o motor, profundidade boa para remos, profundidade boa para saltar na água e arrastar a embarcação. Continuamos sendo orientados pelo guia, não sem antes marcar no GPS a posição do furo reconhecido pela ETT 3. Foi muito interessante quando per-





**Primeiro resgate**

cebemos, em dado momento, que estávamos navegando sobre o que era antes uma estrada, agora alagada, acompanhando os postes da linha de alta tensão.

E foi ao final dessa linha de alta tensão que encontramos a localidade de Mercedes, isolada pela água. O cenário era muito triste, pois muitas pessoas, apesar do desastre, não queriam abandonar suas casas. O major do Exército boliviano encarregou-se de fazer contato com as famílias, no sentido de convencê-las a seguir conosco. Depois de quase uma hora de conversações, as pessoas foram embarcadas nas ETTs. Distribuímos rações operativas entre as famílias, pois sabíamos das restrições de alimento que estavam enfrentando. Por vezes, fuzileiros navais tiveram de levar no colo crianças muito pequenas que não poderiam vir pela água até as embarcações. Nossa primeira preocupação ao embarcar os bolivianos era verificar se tinham necessidade de algum atendimento médico – o que foi muito bem desempenhado pelo nosso enfermeiro, Cabo Santos – e também vesti-los com os coletes

salva-vidas. Sempre se buscava tratá-los de forma polida e com um sorriso, de forma a deixá-los mais tranquilos. Foi muito emocionante também quando embarcamos uma moça com um bebê recém-nascido. Na verdade, quando olhamos para o bebê e para as outras crianças, todos os fuzileiros se perguntaram interiormente se, caso não estivéssemos ali, eles poderiam resistir à próxima chuva torrencial, que estava prevista

para os dias seguintes. A resposta era óbvia, e nos deu uma grande satisfação pessoal e a certeza do dever cumprido.

O regresso para Okinawa trouxe um novo desafio: as embarcações estavam agora mais pesadas, e as dificuldades do itinerário não haviam diminuído. Para o regresso, havia uma pequena voadeira da comunidade que nos guiaria; contudo, em determinado momento os civis que a manobravam se perderam e não sabiam mais o caminho. Foi quando continuamos com nossos métodos de orientação e navegação aprendidos no Curso de Operações Ribeirinhas e seguimos com segurança para Okinawa, sendo agora acompanhados pela voadeira paisana. Chegando em terra, as famílias foram embarcadas em caminhões e rumaram para acampamentos preparados pelo governo boliviano.

No *debriefing* da missão, o major boliviano agradeceu nosso apoio e disse que havia ficado muito bem impressionado com nossa atuação e nossos conhecimentos em operações ribeirinhas, admitindo que o guia da região havia se perdido e que, se

não fosse pelos fuzileiros navais, não teríamos chegado à comunidade e nem retraído com segurança para Okinawa. Ele disse também que deixaria claro para o governo boliviano que gostaria de poder contar com nosso pessoal para atuar naquela região, pois havia gostado muito de nossa forma de trabalho e achado nosso grupo muito unido e determinado.

Exatamente às 17h50, conforme foi acertada a chamada Hora Sobre o Objetivo (HSO), nomenclatura da Força Aérea Brasileira – FAB, estávamos prontos e divididos em heliequipes no LPH. Fizemos contato rádio com a aeronave da FAB (“Força Aérea, aqui Caveira!”), e logo em seguida o helicóptero H-1H pousava e, sem corte, decolava levando nosso destacamento para Santa Cruz de La Sierra. Toda essa operação conjunta tem reforçado a nossa crença na grande capacidade de mobilização e coordenação de nossas For-

ças Armadas. Mais do que isso, temos percebido como se destaca a força de vontade dos militares brasileiros, que buscam acima de tudo o cumprimento da missão, não obstante as dificuldades que possam encontrar.

No dia anterior, durante os preparativos da missão, havíamos chegado à conclusão de que, se cada um de nós pudesse salvar uma única vida que fosse, isso por si só já faria valer a pena todos os anos anteriores de nosso treinamento militar. E naquele dia 30 de janeiro de 2008, voando para Santa Cruz, os fuzileiros navais do Destacamento Marinha do Brasil traziam consigo uma recompensa de valor inestimável: a oportunidade de ter ajudado a salvar 27 vidas. E percebemos no olhar daquelas crianças de Mercedes que elas nunca esquecerão aqueles homens de bandeira verde-amarela no camuflado, que foram, naquele dia, seus anjos da guarda. *Adsumus!*

### RELAÇÃO DOS MILITARES DA MARINHA ENVOLVIDOS NA MISSÃO DE AJUDA À BOLÍVIA

1ºTen (FN) Tiago Homrich de Oliveira  
1ºSG FN IF Marcelo Barros de Abreu  
2ºSG FN CN Fábio Luiz Loreto de Lima  
CB FN IF Paulo Cesar Costa Pereira  
CB FN IF Stalle Lauro Silva Correa  
CB FN EF Bruno Santos de Oliveira  
SD FN Dailson Pimentel da Silva  
SD FN Bruno Henrique Silveira Macedo  
SD FN Diego de Ataíde Rodrigues  
SD FN Marcio Villa Nova Pereira

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:  
<FORÇAS ARMADAS>; Missão de Paz; Bolívia;